



Mon oncle e marulho: debates sobre consumismo e processos de globalização em construções da identidade.

Mon oncle and Marulho: debates on consumerism and globalization processes in identity constructions.

Tainan Silva do Amara¹

Resumo

Este texto discute acerca das obras Mon oncle e Marulho produzidas, respectivamente, pelo cineasta francês Jaques Tatischeff e pelo artista brasileiro Cildo Meireles. A discussão apresentada aqui e nas obras escolhidas, trata da construção da identidade atravessada pelos processos de globalização, pelo avanço da tecnologia e pelo consumo. Tem como objetivo refletir sobre as obras de ambos artistas explorando os possíveis debates, por eles articulados, acerca da construção da identidade na sociedade contemporânea, que ocorre na relação local-global provocada pela globalização. Parte da análise de cada obra individualmente, tecendo relações com o tema abordado. Embasam teoricamente essa escrita as obras de Zygmunt Bauman, Gilles Deleuze e Moacir dos Anjos.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Identidade; Globalização; Jacques Tati; Cildo Meireles

Abstract

This text discusses the works Mon oncle and Marulho produced, respectively, by the French filmmaker Jaques Tatischeff and by the Brazilian artist Cildo Meireles. The discussion presented here and in the chosen works, deals with the construction of the identity crossed by the processes of globalization, the advancement of technology and consumption. It aims to reflect on the works of both artists exploring the possible debates, articulated by them, about the construction of identity in contemporary society, which occurs in the place-global relationship caused by globalization. It starts from the analysis of each work individually, weaving relationships with the topic addressed. The writing is theoretically based on the works of Zygmunt Bauman, Gilles Deleuze and Moacir dos Anjos.

Keywords: Contemporary Art; Identity; Globalization; Jacques Tati; Cildo Meireles

¹ Universidade Federal de Santa Maria - tainan_amaral@live.com

Mon oncle: arte, consumo e identidade na vida contemporânea

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. (DELEUZE, 1992, p. 215-216).

Mon Oncle, de 1958, é uma obra cinematográfica ítalo-francesa dirigida pelo cineasta francês Jaques Tatischeff (1908-1982) e fora lançada no Brasil em 1999. Vencedora do Oscar de melhor filme de língua estrangeira, a produção - no Brasil intitulada Meu Tio - apresenta 117 minutos de uma comédia sobre a modernização tecnológica na década de 50. Jacques Tati - nome artístico do diretor - faz uso das imagens, sons e ruídos para debater a tecnologia e, operando com o audiovisual, o cinema e a arquitetura, propõe uma metáfora para o impacto da modernização no cotidiano.

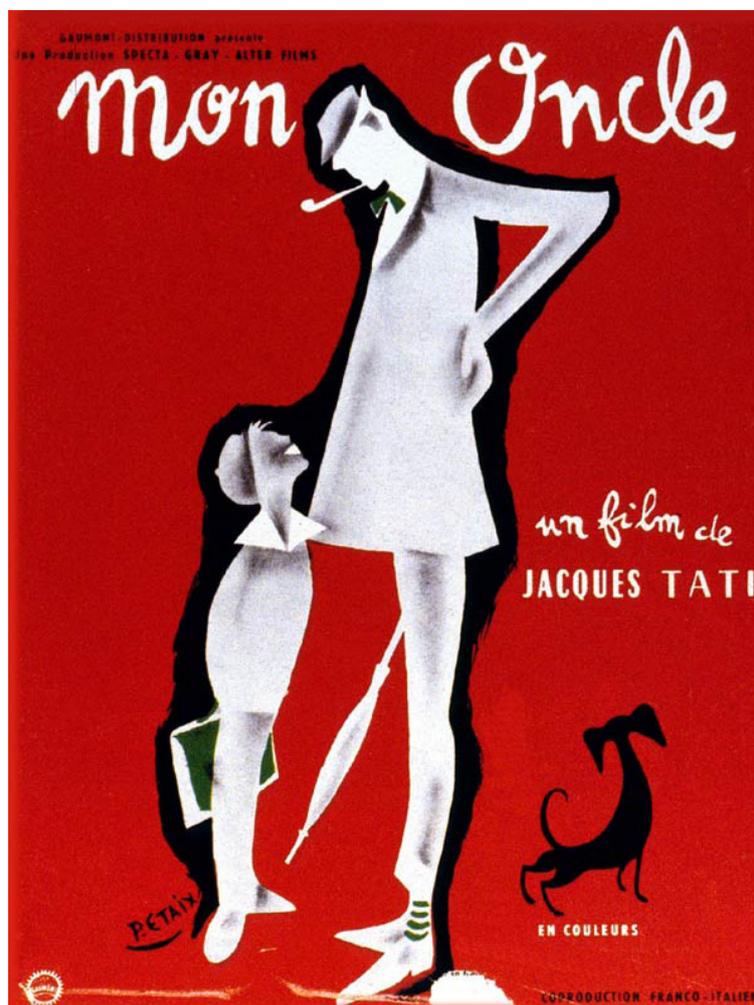


Figura 1. TATI, Jacques (1908-1982). Capa do filme Mon oncle. 1958. Filme a cores. 117 minutos. França e Itália.
FONTE: (Galeria de cinema e arquitetura, 2020).

Os três integrantes da família Arpel - protagonistas da história de Tati - não dividem sua moradia apenas entre si, mas também com a tecnologia. A casa, que por vezes se apresenta como uma grande máquina, é repleta de portas automáticas e numerosos botões. A família Arpel esforça-se para acompanhar as demandas de uma casa-máquina. O chafariz, no meio do jardim, deve ser ligado apenas se a visita que chega tem considerável importância.

O senhor Charles Arpel, pai da família, preza pela modernização e é dono de uma fábrica de plásticos. Seus funcionários, como suas máquinas, trabalham diariamente nas mesmas funções e mostram muito mais interesse pelo ofício quando seu chefe está próximo. Para não serem pegos em flagrante nos momentos de ócio, se usam da chegada do cão de seu patrão,

que caminha sempre à frente do dono.

A esposa do Sr. Arpel partilha dos ideais do marido. Responsável pela casa, o marido e o filho, faz questão de apresentar a tecnologia à todas as visitas importantes. A casa, onde não acumula-se a tecnologia, possui grandes espaços vazios. Na medida em que as máquinas são ligadas a moradia torna-se uma fábrica de sons e ruídos e passa a impedir por completo a comunicação entre os moradores e visitantes.

Neste cenário cômico e barulhento de Jacques Tati, Gerard Arpel, filho do casal, recebe pouca atenção dos pais – ocupados pela fábrica e pela casa-máquina - e passa parte de seu tempo aos cuidados do tio – interpretado pelo próprio Tati – morador da periferia da cidade.

O tio, Sr. Hulot, tem mentalidade contrária a da família Arpel e presa o bem estar pessoal, pouco afetando-se pela opinião alheia. A periferia onde mora é totalmente contrária à vida moderna vista até então. No local, a convivência não é orientada pela demanda da tecnologia, mas pelos moradores, que são engraçados e hospitaleiros.

Gerard, o menino, não compreende a necessidade de todos os aprimoramentos na casa em que vive e embora siga as regras impostas vê no ambiente em que seu tio mora uma diversão que não encontra mesmo em meio à seus brinquedos. Aos poucos passa a incomodar-se com o lar, onde o caminhar é indicado pelas lajotas do jardim e a mesa com guarda-sol está onde deve-se tomar o café.

A comicidade da obra de Jacques Tati ironiza a performance dos sujeitos na sociedade contemporânea, colocando em crítica o afastamento de pais e filhos devido às regras dos espaços – da casa, da fábrica, da periferia. O pouco convívio e diálogo devido às demandas paternas para uma produtividade do trabalho e às demandas maternas para a apresentação e imagem da família, ora põem em debate o consumo e a produtividade contemporânea, ora a construção e produção da imagem pessoal frente às exigências daqueles que veem/visitam.

Em contrapartida, os sons e ruídos que preenchem o cenário da casa contrastam com o silêncio da moradia do tio. Aos poucos, Jacques Tati leva o espectador a identificar as tentativas da família de vencer o isolamento produzido pelas portas que fecham-se automaticamente em momentos inapropriados ou as luzes que piscam solicitando que se apertem alguns botões.

As metáforas são construídas nas tentativas de diálogo, interrompidas pelo cenário barulhento e pela rotina automatizada. Mon Oncle, uma metáfora da vida contemporânea, critica a automatização dos hábitos e a sobreposição rotina-sujeito/demanda-sujeito. A casa de mecanismos e pessoas automáticas evoca o presente, a imagem da vida contemporânea e a produtividade que descaracteriza as relações humanas.

Zygmunt Bauman (1925-2017) escreve em sua obra *Modernidade Líquida* (2001), sobre como a sociedade contemporânea constitui os sujeitos como produtores e consumidores. Na perspectiva de Bauman, o corpo do consumidor é orientado pelo desejo, pela sedução, enquanto o corpo do produtor deve atender às exigências do papel de produtor. “Ser saudável’ significa na maioria dos casos ‘ser empregável’: ser capaz de um bom desempenho na fábrica, de ‘carregar o fardo’ com que o trabalho pode rotineiramente onerar a resistência física e psíquica do empregado.” (BAUMAN, 2001, p. 91).

A medida da saúde, ou mesmo da felicidade, por vezes é dada pela capacidade de adequação e desempenho de determinados papéis na sociedade. A produtividade, como nos esforços do Sr. Arpel para com sua fábrica, é a régua para identificar a realização pessoal. Não mais os fatores internos dizem sobre essa realização pessoal, mas as respostas e conquistas externas.

Na obra de Jacques Tati, a satisfação é alcançada na medida em que família cumpre o caminho traçado no jardim para caminhar. O descumprimento ou desuso das máquinas adquiridas implicaria o reconhecimento da não adequação a tudo que simboliza o novo, o tecnológico.

Assim, para Bauman, o consumidor não está apenas atrás da realização do prazer com o objeto adquirido, mas

tentando escapar da agonia chamada insegurança. Querem estar [os consumidores], pelo menos uma vez, livres do medo do erro, da negligência ou da incompetência. Querem estar, pelo menos uma vez, seguros, confiantes; e a admirável virtude dos objetos que encontram quando vão às compras é que eles trazem consigo (ou parecem por algum tempo) a promessa de segurança. (BAUMAN, 2001, p. 96).

Bauman também narra um processo semelhante ao do filme, no que diz respeito à relação da família Arpel, em especial o Sr. e a Sra. Arpel, com as visitas que recebem. O cotidiano é interrompido assim que é anunciado a chegada de outrem. Identificada a importância da visita o chafariz deve ser ligado. Os outros, nesse sentido, são recebidos como críticos, avaliadores da legitimidade da casa como síntese da realização profissional e familiar – um status social.

Quanto aos outros, afirma Bauman

[sua] existência parece ter uma coerência e uma unidade que na verdade não pode ter, mas que parece evidente ao espectador’. Isso é uma ilusão de ótica. A distância (que dizer, a pobreza de nosso conhecimento) borra os detalhes e apaga tudo o que não se encaixa na Gestalt. Ilusão ou não, tendemos a ver as vidas dos outros como obras de arte. E tendo-as vistas assim, lutamos para fazer o mesmo [...]. (BAUMAN, 2001, p. 97).

Aos poucos o filme une à discussão sobre o consumo e o status social, uma demanda oriunda da sociedade contemporânea para os sujeitos. Demanda essa de pertencer ao coletivo maior, partilhar de seus ideais, consumir os mesmos produtos, adaptar-se e construir uma imagem que legitima sua pertença na sociedade contemporânea. Assim o faz a Sra. Arpel frente as visitas, demonstrando que sua família e casa pertencem ao mundo ideal e tecnológico.

É esta sociedade homogênea que a instalação *Marulho* (1991-2001), de Cildo Meireles (1948-), discute.

Marulho: arte, globalização e identidade na vida contemporânea

Marulho, de 1991-2001, é uma instalação do artista Cildo Meireles que aborda os processos de globalização e a homogeneidade que atravessa-se às sociedades e culturas em todo o globo. Moacir dos Anjos colaborador da Mostra Cultural É Hoje na arte brasileira contemporânea ocorrida entre 15 de fevereiro e 28 de maio de 2006 no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS, descreve com minúcia a obra mencionada. Descrição que alguns trechos é oportuna a leitura para esta reflexão.

Três degraus de madeira que correm de um ao outro lado da sala expositiva dão acesso a uma plataforma [...]. Quem caminha sobre a estrutura bem demarcada tem a visão atraída por milhares de livros que, de páginas abertas e entrelaçados ordenadamente uns aos outros, cobrem inteiramente a porção do chão situada entre a plataforma e o fim distante da sala. Os tons azulados das imagens ali impressas são logo percebidos como fotografias de mares e oceanos quaisquer, o que faz as ondulações dos livros aparentarem o movimento das águas [...]. A lembrança dos mares e oceanos diversos é também ativada pelo som ouvido quando se está explorando a instalação, semelhante ao murmúrio que o curso repetido de ondas gera. Se escutado com alguma atenção, após pouco tempo esse ruído revela ser, contudo, o resultado da sobreposição da palavra 'água' em línguas diversas (oitenta delas, de fato), enunciada por pessoas de diferentes idades, gêneros e procedências geográficas. (ANJOS, 2006, p. 47-48).

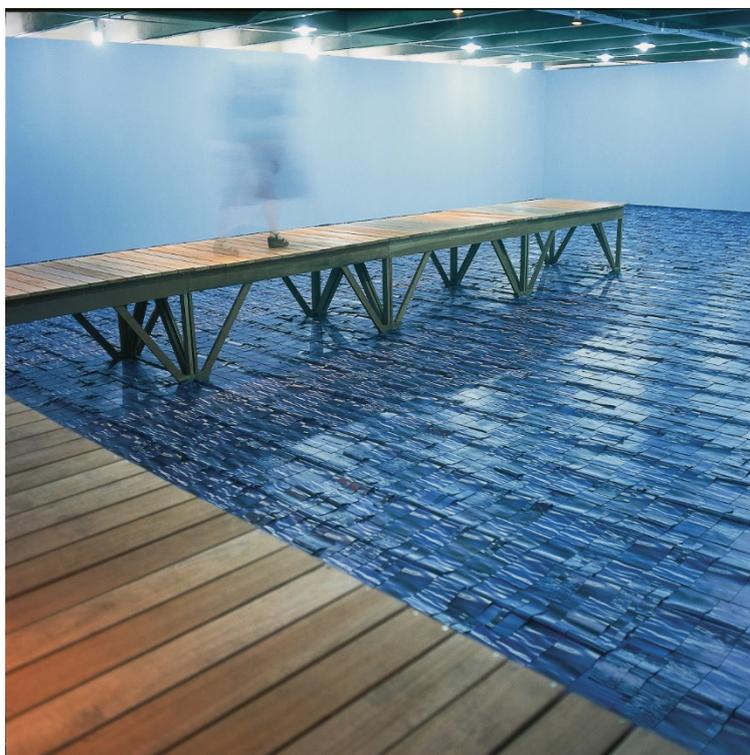


Figura 2. MEIRELES, Cildo (1948-). *Marulho*. 1991-2001. Instalação com madeira, livros e áudio. 1350 x 347 x 2300cm. Coleção MAM Rio, Rio de Janeiro. FONTE: (Google arts e culture, 2020).

Os processos de globalização vividos atualmente e discutidos por diferentes e incontáveis artistas contemporâneos, possibilitam para bem ou para mal o contato entre diferentes culturas através de toda sorte de dispositivos – televisões, computadores, redes sociais. Nesse contato, ora percebe-se a homogeneização ou adaptação de culturas e identidades em torno de tradições exteriores, ora culturas e identidades reinventam-se conservando traços fundamentais em diálogo

com o mundo desvelado pelas tecnologias.

Moacir dos Anjos, em texto para a obra já mencionada (2006, p. 44) chama este contato e troca de “negociação da diversidade”. Intrínseca a essa “negociação da diversidade” estão não só as trocas benéficas que constituem a diversidade de países como o Brasil, mas também os desacordos e conflitos gerados pela difusão de diferentes discursos em diferentes países. “Entre a submissão completa a uma cultura homogeneizante e a afirmação intransigente de uma tradição imóvel, instaura-se, então, um intervalo de recriação e de reinscrição identitária do local que é irreduzível a um ou a outro desses pólos extremados.” (ANJOS, 2006, p. 47).

Em *Marulho*, Cildo Meireles sobrepõe as vozes de diferentes identidades e culturas evocando a presença indistinguível dos diferentes espaços e tempos que compõem a diversidade e a diferença na contemporaneidade. Junto a isso, a quantidade de livros abertos que cobrem o chão, trazem ao espectador a sensação de mar, vigoram a complexidade de extensão de territórios que não são claramente demarcados por um ou outro país.

Na obra de Cildo Meireles as diferenças já não estão em completa desarmonia, tampouco desejam conformar-se ao universo do outro, adaptar-se à homogeneização, mas reafirmam-se na palavra dita em diferentes línguas e sotaques, colocam-se entre as outras. É claro, a análise é apenas uma parcela da complexidade dos processos identitários locais e globais que implicam até mesmo, como Moacir dos Anjos (2006, p. 49) indica, na compreensão ou não de diversas das línguas ouvidas em *Marulho*. A própria língua e a compreensão do que é dito na obra é parte de processos de globalização e colonização que conferem a uma ou outra região determinada hegemonia, na medida em que seu idioma pode ser reconhecido em meio aos outros.

Considerações

As discussões aqui articuladas buscaram refletir sobre as relações entre a arte e os efeitos da globalização e da tecnologia na vida cotidiana. As reflexões sobre as metáforas na comédia de Jacques Tati articulam o contexto da década de 50, onde fora gravada, com o presente. Torna-se atual na medida em que debate sobre a vida cotidiana e o uso da tecnologia como forma de pertencer à sociedade.

Relaciona-se a isso a importância da tecnologia na vida da família Arpel, para inserir-se na sociedade que a cerca; uma metáfora à globalização onde as culturas locais posicionam-se frente ao global. A construção da imagem diante de outrem revela o paradoxo das identidades em cenários homogeneizantes, onde a presença da singularidade joga com a adaptação ou exclusão do diferente.

Na obra de Cildo Meireles, a partir da noção de “negociação da diversidade” de Moacir dos Anjos, vê-se também a complexa relação do local com o global. Tensões que, em *Marulho*, despertam no espectador reflexões sobre a presença das diferentes identidades em um jogo de hegemonias e homogeneidades.

Em ambas as obras, arte, instalação e cinema tecem uma rede de relações entre a construção da identidade no cenário contemporâneo, mediadas e influenciadas pelo consumo, pelos dispositivos tecnológicos e pela globalização.

Referências

ANJOS, Moacir dos. In: SANTANDER CULTURAL. *É Hoje na arte brasileira contemporânea*. Porto Alegre. 2006. Catálogo da Mostra Cultural *É Hoje na arte brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Santander Cultural, 2006. p. 44-51.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

DELEUZE, GILLES. “Controle e devir”. In: **Conversações** 1972-1990. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 215-216.

MEIRELES, Cildo (1948-). *Marulho*. 1991-2001. Instalação com madeira, livros e áudio. 1350 x 347 x 2300cm. Coleção MAM Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/marulho/7QH7KYdTBCrLPQ?hl=PT-BR>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

Mon oncle (1958), Jacques Tati, França; Itália.

TATI, Jacques (1908-1982). Capa do filme **Mon oncle**. 1958. Filme a cores. 117 minutos. França e Itália. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-43127/cinema-e-arquitetura-mon-oncle/43127_43130. Acesso em: 24 de maio de 2020.